



# A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO FILME SELMA E NO TWITTER: CAMINHOS DE RESISTÊNCIA

## THE CONSTITUTION OF IDENTITIES AND ETHNIC-RACIAL RELATIONSHIPS IN THE FILM SELMA AND ON TWITTER: WAYS OF RESISTANCE

Douglas Souza BEZERRA<sup>1</sup>

Janaina de Jesus SANTOS<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, objetiva-se compreender a constituição das identidades negras, a partir das mídias como superfície para processos sócio-políticos, numa abordagem discursiva do filme *Selma: uma luta pela igualdade* (2014) e na rede social *Twitter*. O enredo do filme retrata a luta que antecedeu à conquista do voto eleitoral dos negros nos EUA, em 1965. Em diálogo temático, o recorte da rede social mostra o caso George Floyd, um homem negro que sofre violência policial. Assumem-se os pressupostos teórico-metodológicos de Foucault (2014), principalmente as noções de enunciado, discurso, poder e sujeito para investigarmos a materialidade da imagem e do som na produção de sentidos. Segue-se o método arqueogenealógico para recortar cenas e planos mais significativos para a temática da identidade afrodescendente e investigar como os sentidos de corpo negro são produzidos na atualidade. Além dos estudos foucaultianos, o estudo apoia-se em Davis (2016) para conhecimentos sobre raça e Almeida (2020) considerando o racismo estrutural. Conclui-se

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia. Pós-graduando em Gestão Educacional pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e em Tecnologias e Competências para a Educação Digital pela Universidade Federal da Bahia. *E-mail*: douglassouzasb24@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa (2014) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. *E-mail*: janainasan@gmail.com.



que as discussões em torno da constituição das identidades negras são configuradas por estratégias contemporâneas de afirmação de outros horizontes identitários nas mídias.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Corpo Negro. Igualdade. Mídia. Resistência.

## **ABSTRACT**

In this work, the aim to understand the constitution of black identities, using the media as a surface for socio-political processes, in a discursive approach to the film *Selma* (2014) and the social network Twitter. The film's story shows the fight that preceded the conquest of the electoral vote for black people in the USA, in 1965. In a thematic dialogue, the social network post shows the case of George Floyd, a black man who suffers police violence. The theoretical-methodological assumptions of Foucault (2014) are assumed, mainly notions of statement, discourse, power and subject to investigate image and sound materiality to production of meanings. The archeogenealogical method is follow to select scenes and plans of identity most relevant to the afrodecendant theme and investigate how the meanings of black body are produced today. In addition to Foucauldian studies, the study is based on Davis (2016) for knowledge about race and Almeida (2020) considering structural racism. It is concluded that discussions around the constitution of black identities are shaped by contemporary strategies for affirming other identity horizons in the media.

## **KEYWORDS**

Black Body. Equality. Media. Resistance.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A história do povo negro é marcada por diversos episódios de luta em defesa de direitos que garantam dignidade, respeito e, acima de tudo, outros modos de existir na contemporaneidade. No cotidiano, os corpos negros resistem em busca de visibilidade, representatividade e identidades que reafirmem seu papel na construção social, isto é, buscam entrar na



ordem discursiva das mídias por meio de abordagens plurais para se representarem (Líbero; Navarro, 2024).

Nesse sentido, a abordagem discursiva do filme *Selma: uma luta pela igualdade* (Direção: Ava DuVernay; 2014; 128 min.; EUA) constitui-se em um estudo de relevância no debate sobre a construção e resistência do corpo negro. O filme, bem como os recortes presentes em mídias do século XXI, em questão o *Twitter*, somam esforços na luta contra o preconceito, a negligência e o silenciamento de negros e negras. Vale ressaltar que os movimentos sociais negros representam elementos significativos na materialidade do filme e dos recortes da rede social sobre o caso George Floyd, fortalecendo essa construção.

Neste trabalho, assumem-se os pressupostos teórico-metodológicos de Foucault (2014), principalmente as noções de enunciado, discurso, poder e sujeito para investigar a materialidade da imagem e do som na produção de sentidos. Ademais, realiza-se um percurso teórico com Davis (2016), para conhecimentos mais assertivos sobre raça; e Almeida (2020), considerando inquiuições quanto ao racismo estrutural.

Para tanto, o estudo lança o problema: como os discursos constituem os corpos negros na sociedade atual a partir das mídias selecionadas? Aventa-se a hipótese de que os discursos presentes no filme selecionado, em consonância com aqueles em circulação no caso de George Floyd, reafirmam sentidos hegemônicos sobre os corpos negros, historicamente associados a sentidos de objetificação, inferioridade, vulnerabilidade, silenciamento e resistência.

Neste estudo, tem-se o objetivo maior compreender a constituição das identidades negras, nas mídias como superfície para processos sociais, políticos e culturais vivenciados historicamente pelos negros e negras na



sociedade brasileira, na confluência de discursos entre enunciados do filme e da rede social. Ademais, elegem-se os seguintes objetivos específicos: identificar como os discursos presentes nesse filme constroem o corpo negro e as identidades afrodescendentes, apoiando-se em seus planos e estratégias de câmera; estabelecer uma relação crítica entre os discursos na obra fílmica com recortes do *Twitter*; analisar como a representação cinematográfica e as condições históricas podem contribuir para a compreensão das violências contra o corpo negro e do racismo.

Através da análise das práticas de identidades negras nos espaços, o estudo lança luz sobre as questões do racismo, possibilitando uma compreensão mais profunda dos problemas sociais e das desigualdades enfrentadas pelas comunidades afro-diaspóricas. Além disso, ao destacar a relação entre identidades negras e corpos negros como um lugar marcado pela resistência, a pesquisa contribui para a valorização de suas narrativas e histórias historicamente marginalizadas, fortalecendo a luta contra a discriminação e a injustiça racial.

Além disso, academicamente, esta investigação preenche uma lacuna relevante em pesquisas sobre a produção de sentidos dos corpos negros na mídia atual, considerando a materialidade verbal e visual do cinema e da rede social. No mesmo sentido, as análises sobre a construção da identidade negra através de práticas nos espaços e relações sociais oferecem novas perspectivas e sentidos para a compreensão dos processos históricos e sociais dessa comunidade. A abordagem transdisciplinar da pesquisa é tecida ao considerar elementos discursivos, históricos, culturais e midiáticos. Ademais, a discussão a partir das teorias de Michel Foucault e outros teóricos acrescenta



uma dimensão multifacetada, permitindo uma reflexão mais ampla sobre a constituição dos corpos negros como lugares de resistência e poder.

Assim, este trabalho tem relevância social ao abordar um tema fundamental para a compreensão das lutas históricas e atuais dos afro-americanos nos Estados Unidos, bem como da resistência da comunidade negra na ocupação de espaços, inclusive no Brasil. Ele enfatiza as lutas pelo direito ao voto de pessoas negras, que representou um marco crucial na busca por igualdade e direitos civis. Ao investigar as representações de corpos invisibilizados ou estereotipados, bem como as cenas que retratam os desafios enfrentados por negros e negras, esta pesquisa contribui para dar visibilidade a histórias e sujeitos frequentemente apagados, promovendo o reconhecimento da importância da participação e resistência negra na construção da sociedade.

Por fim, essa pesquisa tem o potencial de dar visibilidade para a importância da construção de uma sociedade mais justa e igualitária, uma vez que aborda questões fundamentais relacionadas à inclusão social, respeito à diversidade e valorização da cultura e história afrodescendente. Considera-se, portanto, que o filme em questão, assim como enunciados que circulam na outra mídia, enquanto uma forma de materialização discursiva, desempenham um papel significativo ao explorar as condições de possibilidade de uma “história do presente” e a ampliação de horizontes identitários para sujeitos historicamente subalternizados.

## ENTRECRUZAMENTOS TEÓRICOS

A constituição das identidades étnico-raciais é um processo que ocorre em contextos sociais e históricos específicos. O papel dos espaços e ambientes



que os negros frequentam na construção de suas identidades é crucial. É nesses contextos que trajetórias individuais se entrelaçam com outros grupos sociais, contribuindo para identidades negras diversas e multifacetadas.

A abordagem de Foucault (2007b) sobre o corpo como um dispositivo para referenciar movimentos e atitudes mostra como o poder está presente nas representações do corpo. A disciplinarização dos corpos, tornando-os dóceis, revela como o poder é disseminado nas relações sociais, impactando em comportamentos e conformidades aos discursos hegemônicos.

Assim, assume-se a definição de Foucault (2007a, p. 159) de discurso como “um conjunto de enunciados na medida em que revelem a mesma formação discursiva [...]”. Ele também afirma a prática discursiva como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram uma época dada, e para uma área social, econômica e geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 2007b, p. 159). É nessa perspectiva que se pensam as regras anônimas e históricas dos discursos hegemônicos que determinam a constituição do sujeito negro na atualidade.

Desse modo, a representatividade do corpo desempenha um papel crucial na formação dos sujeitos e na maneira como eles interagem na sociedade. Conforme destacado por Foucault (2007b, p. 83), “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo”. Esse poder permeia todas as relações sociais, resultando na disciplinarização dos corpos para que se tornem dóceis, obedientes a normas e padrões estabelecidos. Portanto, o exercício do poder sobre a percepção e o comportamento do corpo é um aspecto essencial na compreensão das dinâmicas sociais e constituição dos sujeitos.



Especificamente, sobre o corpo negro, Gomes (2003, p.174) assevera que

O corpo localiza-se em um terreno social conflitivo, uma vez que é tocado pela esfera da subjetividade. Ao longo da história, o corpo se tornou um emblema étnico e sua manipulação tornou-se uma característica cultural marcante para diferentes povos. Ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes.

Para continuar a refletir sobre a constituição do corpo e poder, pensa-se com Gregolin (2006, p. 137) na perspectiva das relações de poder imbricadas nos discursos e suas implicações nas dinâmicas sociais e afirma que “Para compreender em que consistem as relações de poder é necessário analisar as formas de resistência, as lutas que colocam em questão o estatuto do indivíduo.”

Com Fernandes (2005) reflete-se sobre como os discursos atuam na construção de identidades e saberes, moldando a percepção de mundo e influenciando as práticas cotidianas. Ao integrar esses diferentes pontos de vista, expande-se a compreensão do fenômeno discursivo, reconhecendo sua relevância na tessitura da sociedade e nas interações diárias. Portanto, a análise dos enunciados pode revelar como as relações entre o sujeito e o poder estão imbricadas e permite a identificação de formas de resistência e sua representação, ou seja, como a resistência se manifesta dentro das complexas dinâmicas de poder.

Em seu estudo sobre a constituição dos seres humanos em sujeitos, Foucault (1995, p. 231) introduziu a noção de “práticas divisoras”, ao afirmar que “O sujeito é dividido em seu interior e em relação aos outros [...] Este processo o objetiva.” Essas práticas divisoras geram uma dualidade na



objetivação dos sujeitos, levando-os à diferenciação. Eles são moldados por influências externas que constituem sua subjetividade, levando a estereotipar de acordo com um modelo preconcebido.

Especificamente sobre a população negra, Almeida (2020, p. 26) enfatiza a influência das regras institucionais na formação dos indivíduos e na configuração de suas ações, comportamentos, sentimentos e preferências. Ele ressalta que a sociedade, através de suas estruturas institucionais, estabelece um conjunto de significados que molda a maneira como as pessoas se comportam e tomam decisões. Em suas palavras,

[...] é no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente estabelecidos pela estrutura social. Assim, as instituições moldam o comportamento humano, tanto do ponto de vista das decisões e do cálculo racional, como dos sentimentos e preferências.

Compreender a necessidade de confrontar o racismo e enraizar os estudos culturais como um pilar essencial na formação é uma maneira de não apenas demonstrar preocupação com indivíduos frequentemente submetidos à classificação de inferioridade e marginalização social, mas também de assumir uma posição ativa contra a violação de direitos e corpos. Nesse sentido, o corpo, segundo a perspectiva foucaultiana, constitui-se como um elemento de sedimentação, sofrendo a influência das marcas e dos sinais físicos resultantes de extensas séries de processos históricos. Isso é especialmente relevante à luz da forma como discursos preconceituosos e racistas continuam a ser disseminados através das grandes mídias, perpetuando segregação e marginalização com base na raça.





Continuamente, a relação entre mídia e racismo materializa como a mídia desempenha um papel significativo na perpetuação do racismo ao disseminar representações estereotipadas e preconceituosas de grupos raciais. Além disso, a mídia pode influenciar a maneira como as pessoas percebem e interagem com as questões raciais, contribuindo para a segregação e a marginalização de grupos raciais. Portanto, a conscientização sobre essa relação é crucial para combater o racismo e promover uma representação justa e inclusiva na mídia, bem como para fortalecer os estudos culturais como parte fundamental da formação acadêmica, que podem fornecer ferramentas críticas para a análise e a transformação dessas dinâmicas sociais.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho assume os pressupostos teórico-metodológicos de Foucault (2014), principalmente as noções de enunciado, discurso, poder e sujeito para investigar a materialidade da imagem e do som na produção de sentidos. Considera-se, conforme Lívero e Navarro (2024, p. 161), que a materialidade do cinema é composta por diferentes elementos pelos quais “faz e diz suas histórias”.

Continuamente, recortar os enunciados, como proposto por Foucault (2014), possibilita compreender a produção dos discursos ao longo do tempo, bem como as relações de poder que a permeiam. Nesse sentido, identificar as transformações e as práticas discursivas, que possibilitam a construção do sujeito no interior de determinadas condições históricas e institucionais, pode então revelar as relações de poder que produzem as identidades dos corpos negros.



Nesse ínterim, percebe-se que o discurso não é apenas uma manifestação isolada de ideias, mas uma poderosa ferramenta que molda, restringe e produz sujeitos. A análise dessa relação nos permite compreender melhor como os discursos são produzidos e legitimados, como o poder é exercido e como o sujeito é constituído e agenciado dentro de contextos históricos e culturais específicos.

Depois de um percurso teórico a partir de Foucault (2014), Gregolin (2006, 2007) e Fernandes (2005), bem como Davis (2016) e Almeida (2020), inspirados por Foucault em sua obra *A ordem do discurso* (2014), conduz aos procedimentos analíticos. Logo, recortam-se cenas do filme *Selma: uma luta pela igualdade*, adotando o critério de regularidade de planos e estratégias de câmera na construção do corpo negro. Conforme explica Fernandes (2005, p. 65), essa seleção de fragmentos do *corpus* permite uma análise mais detalhada com base nas relações semânticas e nos objetivos da pesquisa:

Se o *corpus* constituído por enunciados não precisa ser extenso, a noção de recorte deve ser acionada para sua delimitação, pois um enunciado evoca outros, com os quais dialoga, e transcende a inscrição em uma formação discursiva determinada.

Trata-se de considerar que o procedimento de “recorte pode atender também uma necessidade de delimitação do material, dada a sua extensão, pela focalização de enunciados específicos, mas sua natureza e seleção são possíveis somente mediante os objetivos da pesquisa” (Fernandes, 2005, p. 61). Assim, a operação de recorte é perpassada por escolhas próprias do estudo e direciona para a percepção dos enunciados.

Foucault (2007a, p. 98) compreende o enunciado como



[...] uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão presentes aí ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura [...] É uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado em sua formulação (oral ou escrita).

Partindo da obra fílmica em análise, estabelece-se uma relação com a repercussão no *Twitter* do caso George Floyd, buscando regularidades na produção de sentidos de corpo negro na contemporaneidade. Selecionam-se, então, duas cenas do audiovisual e um recorte que circulou na rede social, considerados representativos da temática das identidades negras.

Embasado em Fernandes (2005, p. 62), o estudo procura entender as regras de ocorrência e as relações de poder-saber materializadas em determinados enunciados. Daí, a partir dos recortes, observa-se como os discursos constroem o corpo negro dentro das estruturas de poder e saber da sociedade atual, ao mesmo tempo em que possibilita narrativas de resistência.

Ademais, em sua obra *A ordem do discurso*, Michel Foucault (2014) realiza profundas reflexões acerca da produção discursiva, explorando suas inquietações diante das regras que regem os discursos e das condições que permitem sua ocorrência e proliferação na sociedade. Foucault analisa minuciosamente como os discursos são controlados e como se manifestam em diversas esferas sociais, delineando as estruturas de poder que os permeiam. Ao enfatizar o papel central do discurso na constituição do saber e do poder, o filósofo provoca reflexões essenciais sobre como a circulação de discursos molda a compreensão do mundo e identidades:



Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2014, p. 8)

Nesse sentido, os quatro conceitos – acontecimento, sequência, regularidade e condição de possibilidade – são os princípios básicos da regra de análise (Foucault, 2014, p. 53). Do ponto de vista do filósofo, a regularidade engloba e garante a existência de um conjunto de condições sob as quais as funções expressivas são exercidas. Todos os enunciados têm uma regularidade da qual não podem ser separados. Além disso, a emergência de formações discursivas é frequentemente associada a uma renovação abrangente de objetos, frases, conceitos e estratégias.

Em Foucault, os discursos são pensados em seus processos histórico-sociais de constituição e se mostram por meio de um conjunto de enunciados efetivamente produzido na dispersão de acontecimentos discursivos, compreendidos como sequências formuladas. Então, “Trata-se de compreender a singularidade da existência do enunciado, suas condições de produção” (Fernandes, 2012, p. 20).

Usando o método arqueogenealógico foucaultiano, tenta-se entender as condições sob as quais esses discursos emergiram, suas regularidades e suas possíveis relações com uma ampliação do horizonte identitário de negros e negras. Especificar o método arqueológico é descobrir e descrever as regras que dirigem os discursos e entender como esses discursos produzem os objetos sobre os quais falam.

Nesse sentido, segundo Foucault (2007a, p. 55),

[...] que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutível à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Portanto, a metodologia utilizada neste estudo consiste no recorte e na análise de enunciados audiovisuais em busca da materialização de relações de poder-saber estruturantes desses discursos.

## TECITURAS DE SUJEITOS ENTRE DESCRIÇÃO E ANÁLISE

*Selma: uma luta pela igualdade* (2014) retrata a história do Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos, com foco nas marchas lideradas por Martin Luther King Jr. em Selma, Alabama, em 1965, que buscava pelo direito ao voto para os afro-americanos. A seguir, são apresentados e analisados enunciados do filme, bem como da rede social *Twitter*, explorando seus discursos e sentidos:

**Imagem 1** – Tensão entre policiais e manifestantes da marcha Selma na frente do fórum (34min02)



Fonte: Fotograma capturado do filme *Selma: uma luta pela igualdade* (2014).

Na cena, são vistos sete policiais brancos armados no alto da escadaria do fórum, bloqueando a entrada do grupo de pessoas liderado por Martin Luther King Jr. Logo abaixo, homens e mulheres negros e desarmados são contidos, vigiados e ameaçados num contraste dramático de forças. A cena é composta por estratégias cinematográficas, que incluem ângulo perpendicular, mostrando de forma frontal os policiais e o fórum num conjunto coeso, alinhado e organizado; em contraste com a forma inferiorizada e indistinta em que mostra os manifestantes, criando, assim, uma atmosfera de tensão. Nesse enunciado, é observado um plano conjunto em que evidencia a diferenciação de posições ocupadas pelos indivíduos marcada pela cor da pele.

Desse modo, pode-se inferir que a cena destaca a luta por igualdade racial e os desafios enfrentados pelos manifestantes sob a pressão policial. O sentido produzido é de uma representação das relações de poder, das tensões raciais pela igualdade, refletindo acontecimentos históricos como os liderados por Martin Luther King Jr.

Nesse plano, observa-se a manifestação de poder que, segundo Foucault (1995), é uma ação sobre outra ação possível. A narrativa desvela o funcionamento do poder, expondo a brutalidade estatal, como um retrato do poder em ação e da resistência implacável na busca por direitos civis e igualdade. Isso significa que o poder não é uma substância ou uma faculdade, mas sim a própria prática de exercê-lo e, pois, não é algo que se possui, mas que se exerce nas relações entre indivíduos.

Em suas palavras,

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e

o detém exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (Foucault, 2004, p. 193)

A disputa entre esses grupos é representada materialmente na imagem pela divisão do quadro: em uma posição elevada, o policial em primeiro plano, centralizado e em posição superior; em outra, os negros em uma posição inferior e de menor visibilidade – sequer seus rostos são visíveis.

Esse recorte do filme torna tangíveis os sentidos dos discursos de poder que circulam em espaços. De acordo com Foucault (2007b), o poder em si não existe; o que existe são as relações de poder que emergem em determinados espaços. Dessa forma, as relações de poder são constantemente exercidas em todas as dimensões e locais, muitas vezes de maneira institucionalizada.

Segue-se para a segunda cena recortada, representada pelo fotograma abaixo.

**Imagem 2** – Mulher negra imobilizada por dois policiais (36min15)



Fonte: Fotograma capturado do filme *Selma: uma luta pela igualdade* (2014).



Nessa cena, há dois policiais brancos imobilizando uma mulher negra (o corpo de Annie Lee Cooper, interpretada por Oprah Winfrey), que está reivindicando seus direitos e defendia um idoso. Eles a jogam ao chão com força, enquanto ela resiste firme em sua posição de protesto. Historicamente, reconhece-se a domesticação e a normatização do corpo feminino como estratégias duradouras e flexíveis de controle social, além de cumprir uma função ideológica que pode resultar em diversas formas de violência, o que evidentemente acontece nesse corte.

A ação na cena representa a força ilimitada dos policiais amparada pelos discursos hegemônicos, que autorizam o controle sobre os corpos negros. Annie Lee está defendendo seus direitos, enquanto os policiais a subjagam com violência. A composição do quadro utiliza o ângulo zênite, sendo a câmera colocada acima do cenário, de modo que se observa a mulher de cima para baixo e reafirma a hierarquia entre brancos e negros, bem como a diferença de força entre os policiais e a mulher. Igualmente, a composição do quadro, enfatiza a falta de saída da mulher negra diante das forças hegemônicas contra a superfície do chão. Em consonância, a materialização do som por meio de gritos e a iluminação escura deixam evidente a intensificação de uma atmosfera opressiva.

Esse fotograma ilustra a luta pela igualdade de direitos e a brutalidade enfrentada pelos ativistas dos direitos civis, deixando explícita a desigualdade de poder entre os manifestantes e as forças hegemônicas. Assim, cristaliza os sentidos de discursos que permeiam em nossa sociedade atual, destacando a falta de limites do poder estatal quando o alvo é o corpo negro, pois indiferente de ser o corpo de uma mulher, ele é imobilizado com brutalidade por dois policiais homens numa demonstração de excesso de força.





Além disso, os discursos presentes e reafirmados no filme sustentam que as mulheres negras não têm o direito de ocupar espaços públicos, nem de acessar direitos civis. Elas são frequentemente vistas como incapazes de ocupar tal lugar, sendo relegadas a papéis de subalternidade e restritas a funções de cuidado familiar, maternidade e tarefas domésticas.

Em conformidade, Almeida (2020, p. 67) enfatiza que

Chegamos então à questão da representatividade política, que aqui consideraremos em termos amplos, como representatividade institucional, não apenas como a presença de integrantes de minorias em funções de Estado ou em atividades político-partidárias. Enfim, o que chamamos de representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia.

Fica claro que a cena não apenas ilustra a brutalidade e a desigualdade racial enfrentadas pelos manifestantes dos direitos civis, mas também reflete discursos arraigados na sociedade que perpetuam estereótipos e limitações impostos às mulheres negras. Como apontado por Almeida (2020), a ideia é que representantes de minorias em posições de poder não as exerçam apenas em termos de perspectivas políticas, mas também em áreas de influência social, como a mídia e a academia. Isto realça a necessidade de garantir a presença e a voz das minorias em todas as esferas de poder, bem como de influenciar para promover uma sociedade mais inclusiva e equitativa. É fundamental reconhecer que a luta pela igualdade de gênero e raça é contínua e requer esforços coletivos para superar tais obstáculos e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Passa-se para a análise de recortes do *Twitter*, a fim de somar elementos para afirmar a constituição do corpo negro no presente. Atualmente, a mídia desempenha um papel central em várias esferas, não apenas fornecendo



informações, mas também (re)definindo opiniões, estabelecendo valores, influenciando comportamentos e (re)afirmando discursos. Em consonância discursiva com os recortes selecionados para este estudo, verificam-se publicações capturadas do *Twitter*<sup>3</sup>. Desse modo, em conformidade com os recortes, a página da UOL, em seu perfil na rede social supracitada, evidencia em uma de suas publicações, no dia 29 de maio de 2020, às 15h31min, como o poder é exercido de forma ilimitada quando o corpo negro é o alvo que deve ser ordenado, disciplinado ou eliminado. O abuso de poder frequentemente resulta em situações de violência, um exemplo disso é o caso de George Floyd, como descrito abaixo.



**Imagem 3** – Caso George Floyd: um chamado por justiça e igualdade

Fonte: Captura de tela diretamente da página do *Twitter* no perfil da UOL (2020). Acesso: 9 maio 2023, às 00h04min.

<sup>3</sup> Rede social e um serviço de microblog, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos.

Na imagem em questão, é evidenciado o posicionamento da UOL quando do assassinato de George Floyd, um homem negro que foi morto por um policial branco em Minneapolis, em maio de 2020, o qual alcançou uma grande repercussão e uma ampla cobertura midiática nos Estados Unidos e em todo o mundo. A cobertura inicial se concentrou principalmente na morte de Floyd e nas circunstâncias que levaram tal fim. Nos EUA, a dimensão dos protestos e a violenta repressão policial remetiam aos movimentos pelos direitos civis na década de 1960.

A partir daí, a cobertura se expandiu para incluir as manifestações e protestos que se seguiram em todo o país e ao redor do mundo, muitos dos quais foram organizados pelo movimento *Black Lives Matter* (BLM)<sup>4</sup>, o movimento defende a igualdade, a justiça e a equidade para a comunidade negra, lutando contra a violência policial, o encarceramento em massa, as disparidades socioeconômicas e outras formas de opressão.

A grande mídia enfatizou a indignação e a tristeza generalizadas em resposta ao assassinato de Floyd, bem como a escala e a intensidade dos protestos que se seguiram. Sua cobertura na mídia também se concentrou na questão mais ampla da brutalidade policial e da injustiça racial nos Estados Unidos, levando a reivindicações de reformas no sistema de justiça criminal.

No entanto, essa cobertura também foi criticada por alguns por enfatizar excessivamente a violência e as revoltas em meio aos protestos, em vez de se concentrar nas questões relativas à justiça racial e brutalidade policial.

---

<sup>4</sup> Em livre tradução, “Vidas Negras Importam” é um movimento social e político que surgiu nos EUA em 2013, após a absolvição de Trayvon Martin, um jovem negro de 17 anos, que foi morto a tiros por um vigilante voluntário chamado George Zimmerman. O BLM busca conscientizar a população sobre as questões raciais e defender os direitos civis e humanos dos afro-americanos.

Determinados comentaristas argumentaram que a cobertura da mídia muitas vezes perpetuava estereótipos prejudiciais sobre os manifestantes, retratando-os como violentos e desordeiros, em vez de destacar suas demandas legítimas por mudanças em um sistema que há muito tempo é discriminatório. Nesse interim, volta-se a Borges (2012, p. 68) que enfatiza: “o negro permanece sendo notícia, salvo raríssimas exceções, nos mesmos espaços que sempre lhe foi reservado. É o criminoso e carente, por um lado; e o cidadão (negro) de sucesso, o exemplo de superação, por outro.”

Para além, observa-se que há uma hierarquização dos sujeitos, a qual tece a conjuntura atual, nota-se que tanto a obra fílmica *Selma*, quanto o caso de George Floyd evidenciam que as autoridades policiais são colocadas como materialização do discurso hegemônico que dita as regras, enquanto os sujeitos subalternizados permanecem sendo manipulados, agredidos e dominados por uma hierarquização dominante. À luz da ordem do discurso e dos micropoderes de Foucault (2007b, 2014), articulam-se relações e entendimentos de que o racismo: é uma forma de violência exercida contra os corpos negros, decide sobre sua vida, controla suas singularidades na dimensão dos diversos mecanismos de ação e, ainda, cinde a sociedade opondo brancos e não brancos.

Seguidamente, em observância aos objetos recortados, vê-se o quanto o discurso possibilita um conjunto de ideias, imagens e práticas que produzem os corpos, saberes, poderes e condutas relativas a um tema particular, atividade social ou lugar institucional na sociedade. Essa ordem discursiva define o que é ou não possível sobre um determinado tema ou área de atividade social; as práticas relacionadas a tal área ou tema; o tipo de conhecimento



que é considerado útil, relevante e “verdadeiro”; e o gênero de indivíduos ou “sujeitos” que personificam essas características (Hall, 2016, p. 26).

Concisamente, tanto na divulgação do assassinato de George Floyd quanto na representação da marcha de Selma, vê-se a constituição do sujeito negro por meio de tensionamento das forças hegemônicas e dos discursos que limitam o horizonte identitário de homens e mulheres negros. Ambos os casos estão enraizados na luta por igualdade racial nos Estados Unidos, destacando as questões de racismo, a violência policial e a necessidade de justiça e mudança social. Embora o caso George Floyd seja um acontecimento contemporâneo e o filme *Selma* uma obra cinematográfica que retrata um evento histórico dos anos 1960, são exemplos significativos das profundas disparidades raciais e a resistência nos Estados Unidos, mostrando como o discurso hegemônico e o racismo se reinventam e perpetuam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se a importância do olhar da câmera e dos fatos na produção de sentidos, compreende-se que *Selma* vai além de uma mera representação na tela. Ele se torna um veículo para resgatar memórias silenciadas, reescrever histórias e questionar as estruturas de poder que persistem na sociedade. A representação audiovisual tem a potência de desencadear empatia, conscientização e, mais importante, ação. Ao expor as adversidades, as lutas enfrentadas pelos corpos negros e seus triunfos, o filme cria um espaço para a construção de pontes de entendimento e solidariedade.

Ao longo desta análise discursiva, tornou-se evidente que *Selma: uma luta pela igualdade* é um instrumento poderoso para a resistência dos



corpos negros e para o tensionamento de relações de poder que perpetuam o racismo e a marginalização. O filme desafia os espectadores a confrontarem a negação histórica e o racismo estrutural, permitindo uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelos sujeitos negros na busca por igualdade e justiça. A inclusão desses corpos em posições de destaque na narrativa de *Selma* é um ato de marcar a existência histórica, a participação social, o poder de organização, a reivindicação de espaço e voz, subvertendo as normas que historicamente os relegaram ao silenciamento.

A abordagem dos estudos discursivos foucaultianos se revelou fundamental para desvendar as complexidades e sutilezas dos discursos presentes no filme e no *Twitter*. Ela permite enxergar como os discursos moldam as identidades negras e influenciam a forma como seus corpos são constituídos socialmente. Daí, compreende-se o funcionamento discursivo das narrativas que perpetuam sua marginalização e sua inferiorização, expondo os mecanismos de poder que o sustenta; bem como os discursos hegemônicos que as produzem, para oferecer resistência por meio do questionamento de estereótipos, silenciamentos e violências.

Portanto, é essencial reconhecer a influência das grandes mídias na construção de narrativas sobre raça. A leitura discursiva em relação aos discursos veiculados possibilita a identificação das relações de poder que segregam e afastam. Ao fazer isso, é possível demandar mudanças na forma como as raças são representadas e promover uma visão mais inclusiva e representativa que respeite a dignidade e a diversidade de todos os indivíduos. À medida que se celebram os espaços de resistência que emergem, reafirma-se o direito de os sujeitos negros terem um amplo horizonte para constituir suas identidades.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

BORGES, R; BORGES R. **Mídia e Racismo**. Petrópolis: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. Trad.Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNANDES, C. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. [S. l.]: Trilhas Urbanas, 2005.

FERNANDES, C. **Discurso e Sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. (Eds.). **Michel Foucault, Uma Trajetória Filosófica**: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: L. F. B. Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007b.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

GOMES, N. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, pp. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27905>.

Acesso em: 13 mar. 2024.



GREGOLIN, M. R. F. V. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2006.

GREGOLIN, M. R. F. V. Formação discursiva, redes de memória e trajetórias sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, R. L. (org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro e João, 2007. p. 155-168.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LÍVERO, I.; NAVARRO, P. Do discurso sobre a cultura e a morte: uma análise da trilha musical de Viva, a vida é uma festa na condição de dispositivo discursivo. **Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 1, pp. 157-190, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/62577>. Acesso em: 13 mar. 2024.

SELMA: uma luta pela igualdade. Direção: Ava DuVernay. Produção: Christian Solson, Oprah Winfrey, Dede Gardner, Jeremy Kleiner. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 2014. 1 DVD. (128 min.).

UOL. No dia 25 de maio, George Floyd, um homem negro foi assassinado por um policial branco. **Uol**, São Paulo, 29 maio 2020, 3h31min. Twitter: @uol. Acesso em: 9 maio 2023.

Data de recebimento: 16/08/2024

Data de aprovação: 25/05/2025